

DA LINHAGEM SURREALISTA EM PORTUGAL

Tania Mara Antonietti LOPES*

MARTUSCELLI, T. **Mário-Henrique Leiria inédito e a linhagem do surrealismo em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

Durante pelo menos cinco décadas a escola surrealista assumiu diversos aspectos, todos eles procurando leis com as quais afirmar uma nova avaliação do homem, uma vez que o que importava para os surrealistas, especialmente na “fase metafísica” do movimento, era o conhecimento que pudesse transformar o sujeito, assim como o objeto, numa espécie de gnose que o conduzisse à reconciliação entre a ação e o sonho. Em Portugal, o surrealismo tem suas primeiras manifestações a partir da década de 1930, como é possível conferir no interessante e cuidadoso trabalho da professora Tania Martuscelli,¹ no qual se aplica uma argumentação de maneira muito objetiva sobre a assunção de uma linhagem literária no surrealismo, com um estudo sobre a obra inédita do escritor português e adepto do movimento Mário-Henrique Leiria (1923-1980).

Para justificar a questão da “linhagem”, nota-se a referência, logo na epígrafe do prefácio, a uma tradição medieval da prática, entre os portugueses, de “linhagem escolhida”. Nesse caso, a linhagem seria uma das facetas do surrealismo, com características de “fidalguia” e “gentalha” lusíada, ímpar na obra de Leiria. Por essa perspectiva, a novidade desse estudo consiste na apresentação da linhagem literária surrealista com a revisitação às correntes literárias anteriores ao surrealismo e outras, construindo, assim, o argumento de linearidade, a fim de apontar para uma nova perspectiva e levar a público a obra de Leiria no contexto da referida linhagem.

A partir da retomada das vertentes que precederam e das que sucederam o surrealismo, há o questionamento da estética como “rótulo literário” e a questão da “influência literária”, conduzindo a reflexão para a noção de linhagem, sob a qual o surrealismo em Portugal assume uma identidade singular ao ultrapassar suas raízes nos manifestos de André Breton. É nesse ponto que se faz notar a significativa escolha de Tania Martuscelli pelo poeta português como representante essencial

* Bolsista FAPESP de Pós-Doutorado. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Departamento de Literatura. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – tantoniellitopes@gmail.com

¹ Professora assistente de Literatura Luso-Brasileira na Universidade do Colorado em Boulder (Estados Unidos).

da linhagem, uma vez que em seus 48 textos inéditos e dispersos verifica-se um experimentalismo com variadas correntes contemporâneas suas e o fazer poético que o define como artista, que iniciou seus escritos antes de se reunir com o grupo surrealista e continuou escrevendo após a dissensão.

No que diz respeito ao surrealismo em Portugal, a autora opta por uma abordagem comparativa, referindo-se, obviamente, à origem do movimento. Sendo assim, no primeiro manifesto surrealista evidencia-se que a literatura do passado colaborou com a busca de uma poesia que traduzisse o espírito de seu tempo. Portanto, para constituir uma linhagem mais significativa, era necessário que os surrealistas revisitassem ou se inspirassem na arte do passado. Para traduzir essa ideia, apresentam-se sucintamente e de forma organizada as correntes de pensamento em voga naquele contexto e as ideologias que as embasavam.

A partir de uma revisão dos preceitos do surrealismo na França, Martuscelli expõe o surrealismo português, oficialmente nomeado na arte portuguesa em 1940. O caráter revolucionário de forma “alegre e atrevida” daqueles que se afastaram de Breton marca decididamente a face portuguesa do movimento. Aqueles que “se libertaram dos franceses” adquirem uma postura inicial de aproximação e posteriormente de afastamento de André Breton, confirmada pela apresentação, ao longo do texto aqui comentado, de cartas trocadas entre Mário-Henrique Leiria e Carlos Eurico da Costa, em que se evidencia o rancor em relação ao autoritário Breton. Nesse contexto, a postura de Leiria expressa a postura geral dos grupos. Confirma-se, no desenvolvimento do discurso, que a postura surrealista dos portugueses, sobretudo no que diz respeito à revista *Orpheu*, foi marcada pela variedade e influências; ou seja, específico no surrealismo português foi o sincretismo entre preceitos do surrealismo francês e a tradição literária portuguesa para buscar uma postura artística e, por que não, política, uma vez que os lusos se mostram mais independentes.

Participante da movimentação surrealista em Portugal, Mário-Henrique Leiria definiu a si próprio como artista da modernidade. A escolha de um representante para a linhagem surrealista não poderia ser melhor, pois é perceptível em sua obra o “confrontamento de tendências”, além de sua aproximação a Almada Negreiros e Álvaro de Campos, com seu sarcasmo ao criticar os costumes sociais. Em seu “1º Manifesto do Sobreporismo”, com o qual a autora nos presentearia na íntegra em seu livro, é possível reconhecer a repetitiva necessidade de Mário-Henrique se definir em sua poética, associada à incessante busca pela essencialidade da obra. Aproximando-se da “superposição” do real, o “Sobreporismo” remete à ideia de sobreposição e destaca-se em poemas nos quais a sobreposição de imagens e o deslocamento qualitativo dos objetos se distinguem, muitos deles configurando-se como paródias a Fernando Pessoa, como é o caso do poema “Lisboa ainda revisitada em 70!”.

Outro material singular disponibilizado integralmente por Martuscelli é um ensaio crítico escrito por Leiria em 1942, acerca da arte moderna, que evidencia a sua proposta artística de “[...] linhagem futurista, hipermoderna, sobreporista, ou ainda, experimentalista [...], que é a de evadir a realidade, a qual chama de ‘vulgar e falsa’.” (MARTUSCELLI, 2013, p. 102). A partir da produção de Mário-Henrique Leiria, verifica-se o otimismo desse artista com a conscientização do público em relação à arte moderna; dito de outra maneira, a “tomada de consciência” em relação à obra de arte moderna poderia permitir “a diversidade das vanguardas”.

O capítulo que finaliza o livro de Tania Martuscelli, além de oferecer importantes informações que explicam e reafirmam a ideia de linhagem, fornece um ensaio de 1949 em que Mário-Henrique Leiria expressa uma preocupação de ordem estética formal ao argumentar sobre a conscientização de seu papel como artista, no qual se evidencia o cotejo do artista com a arte “tradicional” e com a “nova”. O ensaio permite ainda verificar que os textos teóricos de Leiria “refletem o pensamento de toda uma geração”, exemplificando no trabalho de Martuscelli o que marca a obra dos surrealistas portugueses, que é o “constante passeio pelas diversas vanguardas”. Após atuar no grupo surrealista, Leiria escreveu mais um comunicado, de 1957, sobre a arte, em que se manifesta a sua postura em relação ao surrealismo, passando a defender uma arte de ordem política que tem relação com a situação portuguesa. Nesse aspecto, a trajetória do poeta português segue os preceitos coerentes com o seu tempo e, segundo a autora, transcende os limites geográficos e temporais em relação ao surrealismo. Exemplo desse fenômeno é a publicação, no final dos anos 1970, dos textos estética e estilisticamente revolucionários em Portugal que constituem os *Contos do Gin Tonic* e *Novos contos do Gin*.

Trata-se, portanto, de um trabalho de fôlego, uma vez que se oferece a retomada de vertentes que precederam e sucederam o surrealismo e ainda a preciosa apresentação dos manuscritos inéditos de Mário-Henrique Leiria, entre fins dos anos 1930 até fim dos anos 1970. O que se nota, a partir da leitura desse livro, é que o surrealismo em Portugal tornou-se um elo entre as “gerações” e deixou rica e longa herança (ou linhagem) que se verifica hoje, ainda, na literatura e nas artes.



